

Blumenau em cadernos

TOMO XXXII

Agosto de 1991

Nº. 8

PORTE PAGO
DR/SC
ISR-58 - 603/87



Prof. JOAQUIM FLORIANI
Caixa Postal, 622 - BLUMENAU

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Livraria Blumenauense S/A.
Schrader S/A. Comércio e Representações
Companhia Comercial Schrader
Buschle & Lepper S/A.
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeireira Odebrecht Ltda.
Móveis Rossmark
Arthur Fouquet
Paul Fritz Kuehnrich
Dietrich Schmidt
WANGNER — Reutlingen — R.F.A.
Walter Schmidt Comércio e Indústria
Eletromecânica Ltda.
Cristal Blumenau S/A.
Moellmann Comercial S/A.
Casa Mayer
Lindner, Herwig, Shimizu — Arquitetos e Associados
Sul Fabril S/A.
Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S.A.
Maju Indústria Textil Ltda.
HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXII

Agosto de 1991

Nº. 8

SUMÁRIO

Página

Figura do Passado - Freulein Baumgarten, a professora de piano — Autor: Knut Evald Koster Mueller	226
Giovanni Rossi: um anarquista italiano na região de Blumenau — De Marcello Zane — Tradução de Eduardo Vidossich	227
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	234
Tipos excêntricos de Blumenau — Por José Deeke	237
Subsídios Históricos — Coord. e Tradução de Rosa Herkenhoff.	239
Dados históricos do Município de Presidente Getúlio — Engº. Siegfried Ehrenberg	241
Reminiscências Históricas — Atilio Zonta	248
Enéas Athanázio de Perto e de Longe (O Cronista) R. Leontino Filho Aconteceu... Julho de 1991	250 252
Conselho Curador tem novo presidente e vice	254
Estevão Brocardo de Matos — Antônio Roberto Nascimento	255
Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar(III)	255

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs.) Cr\$ 5.000,00

Número avulso Cr\$ 300,00 — Atrasado Cr\$ 500,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) Cr\$ 10.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711
89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Capa - Desenho: Elias Boell Júnior * Clichê: Gentileza da Clicheria Blumenau Ltda.

Freulein Baumgarten, a professora de piano

Autor: Knut Evald Koster Mueller

Na Alameda Duque de Caxias, logo no início, à esquerda, onde hoje está o estacionamento da CELESC, havia uma casa amarela, de dois andares, com janelas brancas. Nela moravam as irmãs Baumgarten, solteiras. Calculo que eram nascidas nos primeiros anos deste século. A julgar quando as conheci, lá pelos anos 40. A mais jovem era a professora de piano Freulein Judith Baumgarten.

Uma vez por semana, fazia sol ou chuva, ia eu lá para a aula de piano, carregando a pasta com as partituras e cadernos. Subia a escada e tocava a campainha; só demorava segundos e a Professora atendia, convidando a entrar. Vez ou outra, quando chegava mais cedo, era sua irmã quem abria a porta e eu ficava, então, esperando sentado no corredor, logo à direita da entrada, onde era a sala de aula. Uma saleta clara e o piano escuro contrastando com as imaculadas cortinas brancas da janela. A casa era silenciosa; ouvia-se somente o piano tocado por algum aluno e o ruído abafado do raro tráfego de Palmes Allé. Aspirava-se um ar de casa antiga, limpa, esterelizada, sem o menor vestígio de perfume.

Freulein Judith era jovial e simpática, sempre sorrindo por detrás de seus óculos de aros dourados. Falava o português "capenga" dos alemães antigos, ou o alemão com os alunos que compreendiam este idioma. O lugar do aluno era ao piano. Sentada em sua cadeira ao lado direito do piano trocávamos algumas frases sobre amenidades, pessoas da família, acontecimentos sociais, algum filme que passava no Cine Busch.

O início da aula era discretamente sinalizado quando Freulein Judith abria a caderneta de apontamentos e que deveria estar sempre em dia e assinada por minha mãe, ao final de cada lição anotada. Começava por tomar os deveres passados, teoria e depois a prática. Sua experiente audição nunca falhava; percebia logo se eu havia praticado a lição como deveria. Suas observações eram curtas e severas, às vezes elogiosas, o que era raro e gratificante. Assim era pelo menos comigo, já que não posso dizer que fui um aluno muito aplicado; havia uma longa lista de interesses, na qual o piano não figurava com destaque.

Seu lápis era infalivelmente ativo. Ainda encontrei algumas lições por ela assinaladas com traços fortes e observações, quando minha filha começou a estudar piano pelo antigo e consagrado Método Schmoll. Várias páginas tinham a palavra Repetir, no alto. Entre as pautas havia observações: piano, forte, pedal, etc.

Certa vez Freulein Judith convidou todos seus alunos para tirarmos uma fotografia e, ao mesmo tempo conhecer-nos, pois as aulas individuais não permitiam um relacionamento entre seus estudantes. Quando compareci fiquei muito impressionado com a presença do

nosso Carteiro, em uniforme. Ele também era aluno de piano de Freulein Judith, meu colega portanto!

Quando terminava a aula, (durava uma hora mais ou menos), a professora Judith acompanhava o aluno até a porta, despedia-se com as recomendações aos familiares. A Palmen Allé recebia-me ao entardecer, com o chilrear dos pássaros nas copas das palmeiras, às vezes um bando estridente de piriQUITOS disputavam os coquinhos antes de se recolherem.

Caminhando para casa ainda ouvia em pensamentos os sons do piano da professora Judith Baumgarten. Onde quer que ela esteja agora, sua lembrança está associada a última estrofe de uma poesia em francês, que estudamos com o Professor Schwarz:

.....

Quand tu serás grand, mon enfant chéri,
Quand tu irás gouté les soucis de la vie,
Tu dirás tout bas, soupirant d'envie,
Ah, le temps heureux, quand j'étais petit.

Se naquela época eu não entendia bem o significado destes versos, hoje posso compreendê-los em seu verdadeiro e contundente teor.

A professora Judith Baumgarten ainda deve ter lecionado para muitos blumenauenses. Alguns deles, como eu, diante de um piano ainda sabem localizar as notas pelas teclas, o dó fundamental, pelo menos. Outros, e deve ser a maioria, tocam piano de vez em quando, dominando este instrumento musical tão versátil. Quantos terão sido os profissionais da música que iniciaram seus primeiros passos na casa da Palmen Allé? Não foi em vão a dedicação de toda uma vida para a formação musical de tantos alunos. Um trabalho diário árduo e monótono, com a esperança de encontrar um talento entre tantos, para coroar sua dedicação...

GIOVANNI ROSSI: UM ANARQUISTA ITALIANO NA REGIÃO DE BLUMENAU

De **Marcello Zane**

(Fondazione Biblioteca Archivio
Luigi Micheletti — Brescia/Itália)

Tradução de **Eduardo Vidossich**

Giovanni Rossi, em seu decurso humano, foi sem dúvida um dos mais importantes personagens que animaram o movimento socialista e anárquico da Itália e do Brasil entre o século passado e o atual; todavia, foi apenas sob o aspecto ocasional que esta trajetória encontrou uma reconstrução histórica minuciosa e

documentada. As poucas páginas dedicadas à vida de Giovanni Rossi, bem como seus trabalhos de cunho político e sociológico, mostram a impelente necessidade de dar um novo estímulo para o estudo desta personalidade, definida por Felippo Turati, como um dos fundadores do socialismo anárqui-

co italiano e internacional e que merece uma comparação com os revolucionários russos Bakunin e sequazes. (... NOTA). Uma figura importante, pois devemos considerar também a infiltração no Brasil de novos germes de paixões revolucionárias, como, por exemplo, a experiência da Colônia Cecília e a sucessiva diáspora dos participantes anarquistas em muitas regiões do Brasil; sem contar a contribuição de Rossi no desenvolvimento da agricultura dos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina durante os primeiros anos deste século.

Tudo isto representou uma busca difícil mas necessária para poder assimilar plenamente o valor das idéias de anarquista italiano através de estudos e sobretudo de uma coleção sistemática de suas obras espalhadas nos arquivos da Europa e do Brasil; esta providencial tarefa possibilitou a recuperação e a divulgação de artigos em dezenas de jornais e revistas sobre política e agricultura. Relevante, ainda, a documentação fruto de correspondência, artigos, estudos, no âmbito da ciência veterinária, além das pesquisas sobre a figura e as idéias do próprio Rossi para poder avaliar a sua base científica e a sua personalidade eclética.

Rossi nasceu em Pisa em 1856 de família da média burguesia: o pai era advogado.

Apesar de sofrer de grave doença progressiva, se formou brilhantemente em medicina veterinária na Universidade da mesma cidade, no ano de 1875. Paralelamente ao sucesso nos estudos, se

aproximou dos ideais socialistas e aderiu à secção local da Internacional Socialista. Colaborou para alguns jornais políticos, entre os quais, «La Plebe»; ademais, sob o pseudônimo «Cardias», publicou o livro «Uma Comuna Socialista», no ano de 1878; neste tratado relata minuciosamente o seu programa para a realização de uma colônia coletivista com amplas descrições sobre a fundação e o desenvolvimento de um lugarejo em que a exploração dos meios de produção pertence à comunidade; trata-se de uma narração da polícia sob pretexto de da como protagonista uma rapariga de nome Cecília. Nas páginas emerge também a figura de Rossi no panorama político italiano da época; o ideal do autor é uma transformação imediata da teoria para a prática sob forma de aplicação dos conceitos revolucionários.

Mas esta efervescência doutrinária não foge ao controle do governo italiano, e de fato, em 1878, Rossi é detido após uma provocação da política sob pretexto de «atentado contra a segurança interna da nação». No processo foi considerado alheio aos fatos que lhe foram contestados, e consequentemente inocentado, mas apesar disto, ficou preso durante mais de cinco meses.

Após esta lamentável experiência ele se aproxima de Andrea Costa, fundador do partido socialista italiano; os dois tornaram-se íntimos amigos colaborando para várias publicações. Não obstante este fervor literário Rossi não desleixou a sua verdadeira atividade profissional, da qual resultaram di-

(... NOTA) — Filippo Turati, foi um dos principais militantes itajaienses nos movimentos socializantes.

vérsas edições no âmbito da ciência veterinária e da agricultura; alguns livros foram premiados pelo Ministério da Agricultura

Apesar de certas restrições por parte da polícia, Rossi ganha um concurso para uma vaga de veterinário em Gavardo, perto da cidade de Brescia, na Itália do norte; nesta aldeia permanecerá durante cinco anos. Concomitantemente funda o seu jornal «O Experimental», dedicado quase exclusivamente à discussão e à divulgação do plano relativo à colônia socialista e anárquica. Os artigos que aparecem no jornal são fruto também de outros colaboradores, como Filippo Turati, Candelari e Gnocchi Viani. Uma primeira experiência do plano coletivista ocorre na cidade de Cremona (região da Lombardia), onde Rossi se transfere em 1887 aceitando o convite do ex-deputado parlamentar Giuseppe Mori, um fervoroso admirador do patriota Mazzini; aliás, o ex-deputado coloca suas terras na localidade de Cittadella à disposição do próprio Rossi. O recém-chegado tenta em vão de transformar a cooperativa dos camponeses numa colônia coletivista; o projeto, após um longo esforço preparatório, malogra totalmente.

Mas o homem não desiste, e de fato, durante um encontro fortuito com o Imperador do Brasil Dom Pedro II conhecido em Milão durante um concerto, as esperanças renascem. Reaflorem os sonhos após a obtenção de uma concessão territorial no Estado do Paraná.

Rossi, após engajar prosélitos interessados no plano, e conseguindo arrecadar fundos, embarca em Genova no dia 20 de fevereiro do ano 1890, pronto para fundar a

tão suspirada Colônia Cecília nas proximidades de Palmeiras a poucos quilômetros de Curitiba. Os historiadores brasileiros conhecem as vicissitudes desta colônia; quanto ao público, em geral, ele também teve acesso aos fatos através de uma série de episódios televisivados e inspirados ao malogro deste empreendimento, que de fato, acabou em 1894. Giovanni Rossi narra e analisa esta experiência comunitária da Colônia Cecília numa publicação intitulada «UM EPISÓDIO DE AMOR NA COLÔNIA CECÍLIA»; este opúsculo foi impresso pela primeira vez nos Estados Unidos em 1893 e sucessivamente editado na Itália nos anos vinte do presente século. Neste trabalho, Rossi preanuncia os grandes problemas que a sociedade enfrentará no século vinte, ou seja, a questão familiar, o problema do feminismo e da paridade entre os sexos, conceitos estes, expostos corajosamente num aspecto de verdadeiro pioneirismo em relação aqueles tempos (... 1). Em época mais recente, Affonso Schmidt, em 1942, e Stadler de Souza em 1971, publicaram suas respectivas obras no Brasil, reconstruindo com farto material de diversos arquivos, a história da Colônia Cecília; os dois trabalhos apontam o valor da referida comunidade para os destinos sociais e econômicos do País.

Como o autor do presente relatório, pesquisei nos arquivos brasileiros e constatei a importância da figura de Giovanni Rossi na história recente do Estado de Santa Catarina. Após a experiência da Colônia Cecília, Giovanni Rossi se alcoólicas, comerciante de bebidas alcólicas, em sociedade com outros italianos em Curitiba, mas também esta iniciativa levou a fa-

lência a modesta empresa. Posteriormente, Rossi assume o cargo de diretor da fazenda agrônoma da cidade de Taquari, no Rio Grande do Sul; este novo emprego foi obtido graças à influência de alguns políticos, entre os quais Hercílio Luz, pois o italiano mantinha vínculos de amizade nessas esferas, fato este que lhe proporcionou também a nomeação de professor associado na escola técnica local; Rossi demonstrou a sua perícia técnica de agrônomo e de veterinário.

Após alguns anos assumiu a direção da empresa agrônoma de Rio dos Cedros, recém-fundada e onde permaneceu algum tempo. A nomeação teve como base a resolução estadual de 27 de setembro de 1898 - lei nº. 166 promulgada em data de 28 de setembro de 1895 (modificada sucessivamente na lei nº. 323 de 20 de setembro de 1898); o salário anual foi estabelecido em 3:200.000 réis; ademais foi estipulada uma gratificação de 1:600 réis (... 2).

Nesta pequena localidade, povoada como Rodeio e Ascurra, em grande parte por colonos italianos, Rossi desenvolveu um trabalho coerente com seus ideais libertários; conseguiu, de fato, o emprego técnico na empresa agrícola experimentando novos cultivos (tabaco, oliveiras), graças a obtenção de sementes da Itália; os produtos derivados foram comercializados além das fronteiras do Estado. Mas, não obstante essas diversas atividades, Rossi permanecia ligado às aspirações que animaram toda a sua existência; almejava uma emancipação para sair da sociedade capitalista, pois nessas terras havia também camponeses famintos (... 3); sonhava com uma so-

cidade melhor em que cada ser humano pudesse desfrutar de igual dignidade, idéia esta, considerada revolucionária naqueles tempos. Tudo isto representava a essência básica dos artigos e da correspondência deste anarquista ansioso de doutrinar amigos brasileiros e outros. Em Rio dos Cedros Giovanni Rossi recebia companheiros italianos e estrangeiros; hospedava ainda europeus e americanos fuggitivos e perseguidos, e finalmente, lidava com a imprensa anárquica e socialista que na época era apontada como «subversiva». Como não podia deixar de ser, a intensidade dessas atividades, suscitou as hostilidades do clero local, a começar pelo padre franciscano Lucinio Korte, em Rodeio, também perito em agronomia, e como o anarquista italiano, igualmente em busca de uma sociedade mais justa e humana através da elevação cultural e econômica dos colonos italianos. O resultado foi um choque ideológico, que apesar de tudo, não obstaculizou Rossi em sua colaboração com os padres franciscanos, num mundo em que a Igreja representava a única fonte de informações e de proteção. Rossi, em seu modo de pensar, dava a absoluta prioridade ao progresso das terras, deixando de lado as divergências pessoais decorrentes dos fortes atritos entre o mundo arcaico dos colonos e o ostracismo da Igreja contra qualquer forma de inovação. Esta situação teve repercussões em alguns jornais italianos com a colaboração do próprio Rossi; por outro lado, o padre Giacomo Vicenzi, de Blumenau, escrevia textualmente: «O meu conterrâneo Dr. Rossi, que deveria cuidar exclusivamente de seus afazeres, é homem ardentemente religioso, ou para ser

franco, é um homem apaixonadamente irreligioso; devo lamentar aquela sua intromissão no meio desse povo bom e pio no intuito de inculcar princípios ateus e anti-sociais; digo anti-social pois além de ser irreligioso é também um propagandista fervoroso das doutrinas subversivas do socialismo. O que as pessoas poderão responder a um homem que porventura possui melhores conhecimentos? (... 4).

A presença do anarquista italiano em Rio dos Cedros é constantemente vigiada; a polícia também exerce um controle, pois tem sido alertada pela Legação Italiana de Rio de Janeiro, a qual por sua vez, recebe recados detalhados proveniente do Ministério do Interior de Roma; as autoridades italianas indagam sobre as atividades revolucionárias do cidadão.

O fato é que, mesmo longe de sua pátria após doze anos de sua partida rumo ao Brasil, a magistratura italiana persiste em considerar Rossi como um elemento perigoso para a ordem social, potencialmente ativo em organizar motins, e sobretudo um conspirador «contra a vida de estadistas e de monarcas»; as bases de tais acusações remontam ao primeiro encarceramento do anarquista, ocorrido em novembro de 1878 quando ele tinha um pouco mais de 20 anos (... 5).

Em Rio dos Cedros, Rossi instituiu uma espécie de escola de pesquisas agrícolas, e malgrado as difamações dos padres franciscanos que não toleravam suas idéias e seus princípios libertários, ele desfrutava do unânime respeito e estima por parte da colônia italiana; também em Blumenau era tido como bom elemento (... 6).

No ano de 1900 Blumenau celebrou seu cinquentenário em coin-

cidência com o 25º. aniversário da presença italiana no Vale do Itajaí; nesta ocasião, Rossi foi encarregado oficial na compilação de um texto comemorativo que constou da história dos primeiros colonos trentinos - também de Blumenau -. O autor aproveitou-se do referido relato para inserir alguns parágrafos que ilustram os alicerces do seu pensamento político; são palavras claras, inequívocas, que certamente devem ter criado uma certa celeuma na tranqüila coletividade blumenauense. (... 7).

Eis alguns trechos: «A questão social não desperta interesse entre nós, em primeiro lugar, devido à uma preguiça e apatia intelectual das pessoas, as quais, consideram a ordem atual como um equilíbrio estável e inalterável; em segundo lugar, porque se pensa que a questão social não existe e não possa existir aqui.» E, numa advertência à guisa de previsão: «O capitalismo triunfará, e incôscio será capaz de preparar as condições para um novo tipo de civilização, na qual, acabará perecendo junto com a exploração do homem sobre o homem». Palavras ásperas que já naquela época anteviam o Brasil hodierno em que, «os contragolpes das crises econômicas que o regime capitalista desferiu no mundo são fracas para que o desenvolvimento da questão possa merecer pelo menos um certo interesse».

Rossi nunca abandonou a idéia deste novo modelo de sociedade já experimentado na Colônia Cecília. Também em Rio dos Cedros o agrônomo italiano tentou de todas as formas de colocar em prática os conceitos coletivistas divulgados inúmeras vezes em revistas e opúsculos; aliás, com a ajuda do amigo Ermenbergo Pellizzetti criou

uma cooperativa agrícola entre os colonos italianos, agindo como mediador e favorecendo a exportação dos produtos - principalmente do tabaco - para a Itália.

Após esta tentativa fundou outra cooperativa agrícola em Ascurra com a colaboração do citado Pellizzetti bem como do cunhado Giuseppe Landriani no dia 1º de maio de 1905, data significativa ligada à festa internacional socialista dos trabalhadores. Os últimos anos do italiano em Santa Catarina não foram fáceis: a morte de sua criança e pouco tempo depois de outra filha na Colônia Cecília, arrasaram o homem, que num total desespero quase enlouqueceu. Por coincidência de fatos, uma fotografia dos tempos de Rio dos Cedros, sucessivamente expedida a Roma pela polícia por razões de vigilância política, retratava este homem com a mulher e os filhos numa expressão de desespero, o olhar turvo e o rosto corrugado. Assim, as investigações da Legação Italiana de Rio de Janeiro testemunhavam a terrível experiência de Giovanni Rossi numa existência de trabalho e sacrifícios. (... 8).

No ano 1904 um decreto do Governador do Estado, transferiu a empresa agrônômica para Florianópolis. O acontecimento aliviou - pelo menos no momento - o espírito do Rossi, que com novo vigor e disposição tentou novas iniciativas, entre as quais, a constituição, junto com o amigo Pellizzetti, da «SOCIEDADE CATARINENSE DE AGRICULTURA», cujo primeiro presidente foi Lebon Regis. A Sociedade Agrícola editou naqueles tempos a «REVISTA AGRÍCOLA» supervisionada e incentivada pelo próprio Rossi, autor também de boa parte dos artigos por ele assinados nos primeiros números.

Mas a saudade da terra natal, motivada provavelmente pela não concretização do antigo projeto libertário, tornou-se a cada dia mais premente. Em 28 de fevereiro de 1907 o Governo de Santa Catarina concedeu ao diretor da empresa agrônômica (Rossi) três meses de licença por motivos de saúde. E em 4 de abril do mesmo ano, Giovanni Rossi, junto com a companheira Adele e a filha Ebe, zarpa do porto de Florianópolis para não mais regressar ao querido Brasil; a destinação é a Itália, após 17 longos e ativos anos. (... 9).

Em 9 de junho de 1907 o Estado de Santa Catarina exonera definitivamente Giovanni Rossi do cargo de diretor da empresa agrônômica, após a expiração do prazo dado de três meses; mas, na verdade se trata de uma demissão apenas formal; no lugar de Rossi assume o italiano Tullo Cavallazzi indicado pelo próprio Rossi. Na realidade, o ex-titular, após chegar à Itália, em San Remo, torna-se diretor do local consórcio agrário, ficando porém em estreito contato epistolar com as autoridades do Estado de Santa Catarina e da cidade de Florianópolis. Em suas cartas enviadas ao Brasil entre 1907 e 1909 transparece o empenho constante de favorecer a exportação dos produtos da agricultura catarinense destinados aos mercados europeus, sobretudo o tabaco, o mate, em troca do envio ao Brasil de sementes e tecnologia para o crescimento do bicho-da-seda; o autor, em sua correspondência promete ainda a sua intermediação com empresas da Itália.

Após alguns anos transcorridos a San Remo, Giovanni Rossi deixa a região de Liguria para regressar finalmente à sua cidade natal de Pisa, no ano de 1914, véspera da

primeira conflagração mundial.

Tendo praticamente abandonado a política, dedica-se à agricultura em sua propriedade da província, mas os apuros de ordem econômica; reflexo da guerra, o obrigam a aceitar um cargo de veterinário perto de Codogno, onde se dedicará também ao ensino no local instituto técnico. Data daqueles anos a sua última colaboração para o jornal «UNIVERSITÀ POPOLARE», aqui, mais uma vez, tenta explicar o seu ponto de vista de trinta anos antes com referência às colônias experimentais, com uma atenção especial para a Colônia Cecília.

Ao irromper o regime fascista, Giovanni Rossi encontra-se fatigado e envelhecido, tanto é que procura evitar qualquer envolvimento político.

A sua morte ocorreu em Pisa na veneranda idade de 87 anos, no dia 9 de janeiro de 1943.

APONTAMENTOS:

Um agradecimento especial a JONAS CADORIN do Arquivo Público do Estado em Florianópolis, e a Suely M. V. Petry, da Fundação «CASA Dr. BLUMENAU», em Blumenau.

(1) - Para a reconstituição da biografia de Giovanni Rossi antes de sua chegada ao Brasil, é útil consultar F. ANDREUCCI e T. DETTI, sobre a obra «O movimento Operário Italiano. Dicionário biográfico 1853 - 1943», vol. IV, Roma 1978, pág. 405. R. GOSI, «O socialismo utópico. Giovanni Rossi e a colônia anárquica Cecília», Milão 1977. M. Zane, «Inquisição e Espionagem. Giovanni Rossi e sua estada a Gavardo (1982 - 1987)», em Studi Bresciani n. 5 de 1989.

(2) - Arquivo do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, «Tesou-

ro do Estado de Santa Catarina, Livro de assentamento» n. 5.

(3) - Para acompanhar a história destas localidades perto de Blumenau, consultar as publicações dos historiadores locais V. VICENZI e J. FINARDI, além das pesquisas desenvolvidas por RENZO M. GROSSELLI, «Vincere o Morire» (vencer ou morrer). «Camponeses trentinos, venetos e lombardos nas florestas brasileiras», I parte, Santa Catarina, Trento 1986.

(4) - G. Vicenzi, «Uma viagem no Estado de Santa Catarina em 1902», Niteroi 1904, pág. 90.

(5) - Arquivo Central do Estado, Roma - Fichário Político Central, (A. C. S. — C. P. C.), vol. 4445, carta de 24 de junho de 1902.

(6) — VICTOR VICENZI em sua «História e Imigração Italiana de Rio dos Cedros» - 1985 (pág. 132); relata as grandes vantagens de que as famílias desfrutaram na localidade após terem seguido as instruções agrônômicas de G. Rossi, além dos incalculáveis benefícios no exercício do comércio da época.

(7) — Veja AA.VV. «Comemoração do 50º aniversário da Fundação de Blumenau. 1850 - 2 de setembro 1900 págs. 3, 26, 30 — «Blumenau em Cadernos» nº 10 outubro 1976. V. Vicenzi — obra citada, pág. 145.

(8) — A.C.S., C.P.C. vol. 4445 — apontamento nº 5.

(9) — Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, Florianópolis «Tesouro do Estado de Santa Catarina, Livro de assentamentos» nº 5.

(10) — Veja as cartas que Giovanni Rossi despachou da Itália e que se encontram no Arquivo Público do Estado, em Florianópolis «Livros Officios Diversos» para aqueles anos.

TRABALHO BRAÇAL

“Que produz aqui a literatura como resultado, quando se faz dela não um meio venal de vida e sim um apostolado?”

(Oswald de Andrade — 1945)

Num ambiente de pessimismo, realizou-se em São Paulo a V Bienal Nestlé de Literatura, reunindo os escritores de todo o país para um debate a respeito das condições de nossas letras e da situação dos escritores nacionais.

Além das dificuldades naturais, inerentes ao próprio exercício da arte literária, vieram à tona os crônicos problemas vividos pelos escritores brasileiros e que, com o passar dos anos, em vez de se resolverem parece que só fazem se agravar. A quase inexistência de crítica militante, a falta de espaços para a publicação literária, a divulgação deficiente, o desinteresse mais ou menos generalizado, a dificuldade aparentemente irremovível para aumentar o número de leitores e o consumo de livros entre nós, foram alguns dos aspectos práticos abordados, conduzindo à triste conclusão de que, como já dizia Oswald de Andrade, em 1945, escrever no Brasil continua sendo um trabalho braçal muito mal remunerado.

As exigências da criação literária também foram revisadas. Solidão, concentração, isolamento, dedicação e, acima de tudo, a trabalhadeira insana que pede essa amante caprichosa e exclusivista, no entanto, não têm impedido que todos continuem escrevendo e publicando, apesar de tudo. Isso porque, como disse o contista José J. Veiga, “escrever literatura é uma doença incurável.” Para Luiz Vilela “o escritor é uma espécie de doido manso que passa um tempo infinito de sua vida na solidão, lidando apenas com as palavras” — o que explica muito.

Valerá a pena o esforço? Com certeza, pois nenhum deles pretende desistir, todos fazem planos para o futuro e creio que acreditem (no fundo) que as coisas haverão de melhorar, para as letras e para o país. A esperança é a última que morre.

Foi o que revelou a Bienal, uma realização positiva que provocou o conagraçamento, o debate, a reiteração do compromisso dos escritores com a liberdade, a revisão de temas teóricos e práticos, e a divulgação de um trabalho feito em silêncio, de cujas agruras nem sequer imagina o grande público. Positiva também pela premiação do catarinense Amílcar Neves, que obteve o segundo lugar no gênero conto, com o livro “Relatos de Sonhos e Lutas.”

“O ROMANCE CATARINENSE”

Dando prosseguimento ao seu programa de exposições de Livros, realizou a Biblioteca Pública do Estado, com o apoio de outras entidades, entre 29 de maio e 29 de junho, a exposição “O Romance Catarinense.” Depois de intensa e meticulosa pesquisa, foram mostrados ao público todos os trabalhos nesse gênero, de autoria de catarinenses ou integrantes de nossa literatura, aos quais foi possível o acesso. O resultado foi surpreendente, revelando cerca de 150 títulos de romancistas conterrâneos em todas as épocas e regiões. Mostra isso que a repetida afirmação de que o gênero é pouco versado entre nós não é inteiramente procedente. É claro que a mostra não foi seletiva, não entrou no mérito literário das obras, onde ombreavam nomes consagrados como Adolfo Boos Júnior, Guido Wilmar Sassi ou Salim Miguel, para ficar apenas com três deles, com os de iniciantes ou de menor expressão. Mostrar o desenvolvimento do romance e suscitar a vontade de ler os autores da terra foram, segundo os organizadores, os objetivos da exposição. No que respeita ao primeiro, acredito que foi integralmente atingido, esperando que o mesmo aconteça com o segundo. E também que exposições assim se repitam, contemplando outros gêneros, como o ensaio, a poesia e o teatro.

O CORDÃO

Eu me preparava para escrever sobre o mais recente livro do sr. Lycurgo Costa quando a revista “Leia”, de São Paulo, em seu número 151, lhe dedicou toda a última página. Nesse artigo ela disse tudo que era necessário, com a vantagem de fazê-lo para todo o país, pois “Leia” tem circulação nacional. Diante disso, dispensei-me de escrever sobre o livro, limitando-me a recomendar o artigo da revista a todos os leitores. Guardarei minhas energias para escrever sobre outro livro do mesmo autor, passado ou futuro.

CONCURSO

Estão abertas até o final deste mês as inscrições para o “Concurso Virgílio Várzea de Contos”, cujo regulamento será fornecido aos interessados mediante pedido à Caixa Postal D 31, Florianópolis.

GRUPO “A ILHA”

Os onze anos desse ativo Grupo serão comemorados com um lançamento coletivo que acontecerá na noite de 18 de outubro no Arquivo Histórico de Joinville. A intenção é reunir o maior número possível de autores participantes. Inscreva-se.

ATIVIDADES

A Fundação Cultural de Rio do Sul, dentre as várias atividades que tem promovido, levou à cidade a peça “Cartas de Amor”, com Carlos Zara e Eva Wilma, além de projetar muitos outros eventos.

LIVROS

Merece atenção o livro “Perestroika, será?”, de Jorge Elbek, que acaba de ser publicado pela Fundação “Casa Dr. Blumenau.” O

autor, engenheiro na cidade de Brusque, aborda um tema dos mais atuais e de interesse geral.

A Editora do Escritor, de São Paulo, acaba de lançar o "Em Revista 20", mais um número dessa publicação que é seu carro-chefe e que tanto tem agradado. Nele participam os catarinenses Lauro Junkes, Péricles Prade e este colunista, além de aparecerem dois ensaios críticos sobre a obra do autor de "Os Milagres do Cão Jerônimo", subscritos por Samuel Penido e Lauro Junkes.

MENOTTI

O próximo ano marcará o centenário de nascimento do escritor paulista Menotti del Picchia. A cidade de Itapira, em São Paulo, onde ele viveu vários anos e escreveu o "Juca Mulato", prepara-se para festejar o evento. Para isso a "Casa de Menotti del Picchia", dirigida pelo escritor Jácomo Mandatto, promoverá uma semana de estudos sobre o poeta e sua obra, publicará um volume inédito de suas memórias, outro contendo suas cartas e uma biografia de autoria do próprio Jácomo, além de outras promoções destinadas a marcar de forma indelével o centenário de nascimento do admirável autor de "Salomé".

A POESIA É NECESSÁRIA

Inocência Candelária é um poeta que conheço desde meus tempos de garoto. E desde então eu o leio, acompanhando seu trabalho e com ele trocando cartas eventuais há muitos anos. Numa homenagem do antigo leitor, fecho esta coluna com seu poema:

O PALHAÇO

Inocência Candelária

Vários poetas cantaram o Palhaço,
esse artista que faz o mundo rir,
muitas vezes com o espírito em pedaço
e no Circo ou no Palco vai mentir.

Seu coração, às vezes, no compasso
angustioso da dor, a combalir
seu próprio ser, sua alma nenhum traço
mostra do seu sofrer, sempre a sorrir.

Tem duas almas esse grande artista:
Uma no coração e outra na face,
com trejeitos e graças de um farsista!

A sua glória é o riso que conquista,
coitado, ele faz rir, tendo em pedaços
seu coração de sentimentalista!

Tipos excêntricos de Blumenau

(Escrito por José Deeke por volta de 1922)

(Original em mãos de Niels Deeke, que cedeu o mesmo à Fundação «Casa Dr. Blumenau»)

«Quase toda cidade ou vilarejo tem em sua história a apresentar moradores excêntricos, como nós os podemos denominar. Em Blumenau, em todo seu tempo colonial, estas pessoas eram encontradas. Aqui surgiram estes elementos trazidos pelo destino e, impossibilitados, por uma ou outra razão, de enfrentar a vida colonial. Não encontrando outro meio de sobrevivência, nos princípios da colônia, entregavam-se a diversos azares. Sobre suas pessoas nunca foram guardados dados mais concretos, a não ser os que foram passados pelos próprios moradores, que hoje, há muito tempo já se foram. Na história de Blumenau pode-se registrar o «João Colono», o «Catarina Müllmann», que sem dúvida merecem a denominação de excêntricos. Algumas de suas «artes» ainda havemos de relatar.

Um elemento excêntrico a registrar sem dúvida, por todos conhecido, é «Schirmonkel» (o tio do guarda-chuva). Certamente seu nome não era este, mas bem poucos conheciam o verdadeiro. Morava num pequeno rancho de madeira no terreno de Ferdinand Schadrack. Ali ele dedicava-se ao conserto de guarda-chuva e outros pequenos objetos, razão de seu apelido. Trabalhava muito em quinquilharias que eram a delícia da criançada. Em dias de festa, na Casa dos Atiradores, ele abria a sua barraca e vendia seus tra-

balhos. Também entendia de encadernação e mais outras coisas úteis que lhe davam a sobrevivência. Mas além destes predicados todos, o «Schirmonkel» era um homem culto e o demonstrava de diversas formas. Nunca perdia oportunidade para ridicularizar um ou outro personagem em destaque em Blumenau. O próprio Dr. Blumenau foi muitas vezes alvo destas brincadeiras. Assim, quando este encontrava-se na Alemanha fazendo ampla propaganda para a emigração, «Schirmonkel» retratou o mesmo num painel, em cima de uma escada, pintando o céu de Blumenau de azul, o que era a divisa do mesmo. (Parte dali a canção «Em Blumenau o céu é sempre azul» — In Blumenau da ist der Himmel Blau). Além disto, aos ótimos quadros que apresentava, fazia comentários em trovas ou frases. Em certa ocasião de enchente, retratou a família do Dr. Blumenau sentada no telhado da residência do mesmo e todos armados com uma vara de pescar, além de muitos outros gracejos semelhantes.

Também o veterinário Wilhelm Friedenreich não escapava dos gracejos de «Schirmonkel». Sempre era desenhado ou pintado com camisa branca, mangas e calças arregaçadas. Isto porque, em época de enchente, devido ao lamaçal formado nas ruas, só era assim que se podia locomover.

O «Schirmonkel» era mais co-

nhecido pelas crianças que o adoravam pelas quinquilharias que apresentava. Por algum tempo, o «Schirmonkel» tinha um companheiro tão excêntrico quanto ele. Seu nome real era desconhecido. Apenas o conheciam como o «Encadernador Suíço» (Schweizer Buchhinder), pois era esta sua terra de origem. Mas o mesmo não ficou muito tempo em Blumenau.

Uma outra personalidade conhecida até bem pouco tempo passado, foi o «Kleine Krishan» (O pequeno Krishan). Era filho de Jette Rüdiger e seu nome era em verdade Christian Rüdiger. Assim, no entanto, ninguém o chamava. Sua estatura era pequena e trunxada, pernas curtas e braços extremamente compridos. Chamavam o mesmo por vários nomes como: «Krischan Piependeckel» ou «Krischan Schlepparch» ou «Kleiner Krischan».

Em sua juventude o «Kleiner Krischan» era uma pessoa bem agradável; mas quando a enchente de 1880 o atingiu, e sua casa e mobiliário ficaram quase que totalmente destruídos, ele tornou-se uma pessoa descrédita e revoltada. Sua mãe queria consolá-lo, quando dizia: «Wart nur Krischan, die fente wernen später alle fargeschwommenen sachen wieder bringen» (Espere, Krischan, as pessoas mais tarde devolverão o que a água levou). Ele, no entanto, abanava a cabeça e dizia com voz fãna: «Nä Mutter, was weg ist, ist weg, nud kommt nicht wieder» (Não Mãe, o que se foi não voltará). Este dito era desde então sempre repetido pelo povo, quando algo de diferente acontecia na cidade.

Krischan também era muito curioso, o que o fazia cometer inu-

meros erros e divergências. Quando o vapor «Progresso» chegava com uma leva de imigrantes, lá estava o Krischan. Quando voltava, as pessoas lhe perguntavam o que tinha acontecido e ele respondia: «Neudeitsche» (alemães). Mas eram todos italianos. Nem se apercebia da tolice cometida. «Krischan» também queria casar, mas não encontrava noiva. Aproveitava todo domingo ou dia festivo para por sua roupa nova e limpa e passear. As escolhidas, no entanto, não mostravam-se muito dispostas. Assim, certo dia, adquiriu umas fivelas novas e brilhantes para as calças, que lhe custaram quatro patacas. Um dia Krischan foi convidado para uma festividade qualquer e lá foi ele todo orgulhoso em sua nova roupa. Havia na festa uma moça que fazia os serviços domésticos e para a qual Krischan quis mostrar as fivelas novas. Ao levantar o paletó para mostrar os enfeites novos, foi malentendido pela doméstica, que derramou um balde de água fria em seu prolongamento da espinha. Era constantemente alvo de gracejo pela juventude blumenauense. Com a idade, apareceram em Krischan certos problemas mentais agravantes. Assim, inventava que toda noite a porta de sua casa era assediada por mulheres de toda classe. Não era nada agradável para as senhoras da sociedade serem repentinamente apontadas na rua, por Krischan, que as acusava de terem batido à sua porta na noite anterior. Por último, a sua moradia era o porão da Prefeitura, entre objetos velhos, ratos e camundongos, até que chegou seu último dia.

Krischan tinha ainda um irmão de nome Carl. Este não tinha a fi-

gura tão defeituosa do irmão e era casado. Trabalhava como pedreiro. Até 1880 trabalhou bem e conseguiu certa estabilidade. Depois da enchente começou a relaxar no cuidado com sua casa e a beber em demasia. Assim sua casa não tinha mais vidro nas janelas. Alegava ele que era mais fácil assim jogar os fósforos fora. Tratava sempre sua esposa como «Mama» e acontecia frequentemente se referir à mesma, em uma conversa, como: «A Mama que é minha esposa».

Outro personagem exêntrico, era um homem baixo de figura truncada conhecido pela alcunha de Zündhütchen» (espoleta). Foi o primeiro entregador domiciliar de pão em Blumenau. Sobre o mesmo não tenho maiores informações.

Outra pessoa muito conhecida na época era o «lange Benjamim» (o comprido Benjamim). Seu verdadeiro nome ninguém sabia. Ficou em Blumenau após a revolução de 1893. Pertencia ao destacamento policial da cidade. Era um homem inofensivo e gostava muito de crianças. Mas por ser preto e muito alto, as crianças tinham dele um medo terrível.

Outro tipo excêntrico era o «Russenbaron» (o barão russo). Seu nome verdadeiro era Baron von Handreck e vinha da região do

báltico. Na Rússia era oficial e veio, não se sabe, porque estranhas circunstâncias para Blumenau. Tinha como companheiro inseparável um burrico que o levava a todos os lugares. Era dado a bebida somente quando tinha dinheiro. Como recebia sua ajuda financeira da Rússia, vivia bons momentos. Era um grande gozador e nestas ocasiões comprava fogos de artifício em grande quantidade, estourando os mesmos pela rua 15 de Novembro. Assustadas, as pessoas saíam para a rua perguntando o que havia acontecido. Rindo, ele respondia: «Hoje é aniversário do meu burro». O barão russo sempre foi radicalista. Assim, certa ocasião, acometido por um ataque de malária, apeou em frente ao Hotel Gross e sentou-se no banco, na área da frente. Quando passou o acesso, cruzou a rua até a farmácia Brandes, comprou quinina em pó. No bar do Hotel pediu aguardente e misturou tudo tomando aquela infusão de uma só vez. Depois montou em seu burro e foi embora.

Durante algum tempo se estabeleceu em Pouso Redondo, onde deliciava os moradores com seus gracejos e tolices. Mas como o álcool exige suas vítimas, ele também sucumbiu a seu tempo.

(Tradução Edith S. Eimer)

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do «Kolonie-Zeitung» (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 5 de fevereiro de 1870:

Dona Francisca —Administração da Colônia. A Direção da nossa Colônia, que tem à sua disposição a verba de somente 24 Contos de Réis anuais para as despesas de administração ou seja, dois terços da soma concedida por contrato, pelo Governo, à Sociedade Colonizadora de Hamburgo, também no ano passado, em consequência da imigração mais numerosa e devido às condições desfavoráveis do tempo teve de despende muito acima de sua receita. A despesa total da administração no ano de 1869 importou em 29:913\$552 Rs., empregados da seguinte maneira:

- 9:636\$145 — Construção de pontes e caminhos novos.
320\$290 — Manutenção dos caminhos existentes, podas de árvores, limpeza de túmulos.
2:401\$180 — Medições e demarcações de lotes.
1:254\$201 — Consertos em vários compartimentos do hospital e construção de novas salas.
2:207\$590 — Despesa com o recebimento de novos imigrantes e suas bagagens, sustento dos mesmos durante quatro dias, pagamentos de práticos, etc.
12\$000 — Auxílio a colonos doentes.
3:023\$556 — Administração do hospital, honorários de médico e remédios para colonos necessitados.
3:410\$260 — Honorários do pastor protestante, subvenção às escolas e outras despesas, entre estas a importância de 1:200\$620 Rs., gastos extraordinariamente com a construção da Escola de Joinville.
7:615\$010 — Ordenados dos funcionários, aluguéis da casa e dos escritórios, despesas de tabelião, malas do correio das agências de São Francisco e Rio de Janeiro.
33\$300 — Despesas extras.

29:913\$532 — TOTAL

A importância gasta com pontes e caminhos novos se divide: 4:096\$195 Rs., Estrada do Morro, 612\$670 Rs., em ramal da Rua do Norte, 507\$500 Rs., Estrada do Imperador, 99\$960 Rs. Estrada Comprida, 2:081\$610 Rs., Estradas Blumenau e Neudorf 10\$000 Rs., Estrada Santa Catarina, 265\$250 Rs., Estrada Pirai, 27\$900 Rs., Estrada Adolfo, 1:150\$280 Rs., Estrada Mildauer 420\$680 Rs., perímetro urbano de Joinville, 373\$100 Rs. traçado de estrada da Serra Das Mamas. Total: 9:636\$145 Rs.

Anúncio, em português, de 27 de fevereiro de 1869:

Atenção:

Vende-se a 1\$500 Rs., a arroba de carne seca velha já com algum cheiro, porém bastante sã; quem pretender dirija-se em São Francisco ac abaixo assinado.

São Francisco, 23 de fevereiro de 1869.

— Augusto C. da Fonseca Gordo.

Dados históricos do Município de Presidente Getúlio

Eng.º. SIEGFRIED EHRENBURG

Se um quase octogenário, passando o resto de sua vida tranquilamente em sua casa própria, com sua existência plenamente garantida, por sua aposentadoria, sem preocupações financeiras, escreve "a pedido" algumas reminiscências suas, deve ser lógico que nelas não há lugar para mentiras nem qualquer manobra para deturpar os fatos, pois não há necessidade alguma para elas. No entanto, é claro que mesmo escrevendo de toda boa fé, algum erro possa ser cometido.

Considerando isto, e mais, que estou escrevendo sobre fatos e acontecimentos passados há mais de quarenta anos, depois deste longo período e, tendo em vista a situação atual do "escritor", não haveria de ter e mesmo não há nenhum sentimento de amargura, de rancor ou ira, motivo porque não mencionei quase nenhum nome, senão em louvor, às minhas "Aventuras no Oceano da Política", que dão um retrato fiel desse tempo passado.

Naturalmente eu poderia ter escrito muito mais fatos ligados à História do Município de Presidente Getúlio, como por exemplo, talvez já um fato esquecido, a fundação do primeiro hospital, instalado em 1931/2, na casa do então proprietário, senhor Paul Rühne, na esquina da Rua Engenheiro Ehrenberg.

Inspirado pelo recém-chegado médico, Dr. Fritz, que se queixou da circunstância de ser obrigado a tratar os pacientes no interior

no hotel, iniciei uma coleta e com o resultado instalei na varanda da mencionada casa, uma enfermaria, com 4 ou 5 camas, completas com roupas, bidês, etc, uma unidade por minha conta e despesa. Porém com insuficiência de pacientes, o Dr. Fritz, saiu rumo ignorado e o "Hospital" foi dissolvido.

Falhou também a minha iniciativa de implantar na nossa região o cultivo do arroz. Sabendo do grande lucro que essa cultura trazia e sabendo que a "Força-Luz", dispunha de milhares de Kilowats, não vendidos, concedeu a dois interessados, um mil Kilowats hora gratuito, para preparar o terreno (a cada um) e em seguida um preço especial por Kilowats hora. Mas apesar desse estímulo o rendimento não satisfaz aos dois interessados.

A cultura do arroz, em Nova Breslau, acabou, e eu fui reprimido, ainda por minha Diretoria, por ter feito esta extravagância.

Algum tempo depois, a "Força-Luz" concedeu, a cultivadores de arroz, em Rodeio e Ascurra, condições muito mais vantajosas do que tinha conseguido. Mas para Nova Breslau era tarde demais; as arrozeiras já tinham cedido o seu lugar à cultura do milho.

Lembro-me do almoço que ofereci ao General Ptolomeu Assis Brasil, o primeiro interventor do Estado de Santa Catarina. Para envergonhar-me, o padeiro, não sei por quem instigado boicotou e não forneceu o pão branco. en-

comendado já no dia anterior, e curioso: nas vendas também não tinha nem um único pãozinho.

Com pão caseiro, mistura de milho e batata, que recebi dos vizinhos, tivemos que preparar os sanduiches, mas Sua Excelência o Interventor, aceitou e viu a minha desculpa, sabendo bem certo como corre a lebre.

Inicialmente só querendo informar o Interventor, o primeiro Chefe do Executivo Estadual, que veio visitar esta região, naturalmente enfurecido por esse atentado. não só falei das necessidades da nossa região e das nossas aspirações, mas critiquei com palavras tão amargas e pouco lisonjeiras, a administração tanto do Distrito como da Colonizadora Hanseática, que ambos os representantes ao se retirarem, me declararam que nunca mais queriam colocar um pé na minha casa. Foi esta a minha resposta à tentativa deles, de impedir a entrevista entre mim e o interventor, desviando a caravana da comitiva e só sendo interceptados no último momento, quase ao sair do perímetro urbano, rumo a Dona Emma.

Embora declarassem ao Interventor que já era tarde demais, este insistia na visita à minha casa e a caravana voltou.

“Com um pé na cadeia”; foi consequência de minha intervenção no caso do Professor Paul Müller. O caso foi o seguinte:

Para facilitar aos imigrantes e a seus descendentes de língua não brasileira, de aprender a língua vernácula, o governo tinha instaurado a chamada “Campanha de Nacionalização”.

Pequenas unidades do Exército foram destacadas para os cen-

tros de colonização, onde para bem da verdade a língua brasileira, se não desconhecida, era bem negligenciada. Assim o município de Hamônia, recebeu uma companhia do Exército e, além disso, na pessoa do Capitão Comandante, mais uma autoridade. E que autoridade!

Comentou-se da possibilidade de instalação de uma usina do “Salto Pilão” pouco antes de Lontas, mas foi rejeitada a idéia de uma linha de transmissão até Nova-Breslau por ser o lugar muito insignificante em comparação com as outras localidades. Só então foi que entrei em contato com a referida Empresa, cujo Diretor Gerente senhor Otto Rohkohl, já era meu conhecido. Propus a este, explicando detalhadamente a verdadeira situação econômica da região e garantia dos meus próprios recursos de uma receita mensal de 1 conto de réis, receita que ele achou exagerada.

Admitindo que esta quantia por si seria suficiente para justificar as despesas necessárias para a ligação de Nova Breslau ao sistema da “Força-Luz”, lamentou entretanto que as enormes despesas da linha Blumenau-Rio do Sul não permitiam no momento à Empresa contrair novos compromissos. Em cinco, três, talvez dois anos podia ser possível a esta de ventilar a realização deste projeto. Em vista disso sugeriu aos interessados em Nova Breslau construir a linha por conta própria. Na posse de todas as informações necessárias, com o orçamento que visava uma despesa de 120 contos de réis para a eletrificação de Nova-Stettin, Nova Bremen, cálculo de rentabilidade etc, convoquei uma nova

reunião pública, expus tudo ao critério dos presentes interessados e pedi subscrições para a futura sociedade. Em nova entrevista com o Diretor-Gerente da Força-Luz pedi agora seu consentimento, para o fornecimento de energia elétrica com um respectivo contrato. Mas a Força-Luz era um "osso duro de roer". Mais uma vez negaram o seu consentimento alegando que, empregando este capital nas construções, haveria depois falta de dinheiro para instalações industriais, falta que podia por abaixo o meu cálculo de desenvolvimento e rendimento.

Só então apresentei a lista das subscrições que apresentara 110% de capital necessário, as propostas das Firms Bronberg e Cia. de São Paulo e Hoepke Ltda. de Blumenau, que não se ofereceu de fornecer o material a longo prazo, como de investir outra parte, e afinal uma proposta do industrial Hamoniense Aicheger de entrar com 20 contos de réis na sociedade.

Chamado alguns dias depois para uma nova entrevista, a Força-Luz declarou estar disposta a incluir a eletrificação de Nova-Breslau no seu programa.

Do mesmo programa, a Força-Luz exclui a eletrificação de Nova Stettin por completo, de Nova Bremem, em parte: só luz com uma fase; todas as obras por conta da Força-Luz, sob a minha supervisão e futura administração como chefe da nova seção. Isto como condição, para garantir a minha participação, a Empresa queria pagar um salário simbólico de cem mil réis por mês até que eu pudesse iniciar as obras.

Este acordo entrou em vigor em 15 de Dezembro de 1929.

A conclusão das obras e ligação de Nova Breslau ao sistema da Força-Luz estava prevista para meados de 1930. Assim, os meus esforços tinham eliminado um atraso de alguns anos no desenvolvimento industrial e econômico da região de Nova Breslau — quantos anos por exemplo, a vila de Apriúna (então Aquidaban) — situada quase ao lado da linha principal, tinha que esperar a sua ligação. Eu, em Hamônia, ligado à Força-Luz com força elétrica quase ilimitada à disposição, e o senhor Gustavo Hering teria preferido esperar alguns anos em vez de instalar já a sua indústria de beneficiamento de madeira, lá na região de Hamônia? Que valor para Nova-Breslau representa esta indústria, a maior deste gênero. No meu ver este acordo, cujas despesas indispensáveis corriam do meu bolso, pois a Associação Regional já não funcionava mais, era um sucesso de incalculável valor para Nova Breslau.

Passado algum tempo, entretanto, fui informado pela Empresa Força-Luz, de que diversas pessoas de Nova-Breslau de certa influência não se tinham envergonhado de propor a esta Diretoria promover a minha demissão, em virtude da minha atividade política, e nomear outra pessoa nominalmente mencionada, para o posto reservado para mim. A Força-Luz, entretanto, não cedeu à coação e desistiu também de admitir o proposto pretendente diante da minha declaração: "Lá, eu ou ele."

Finalizando agora meu estado de profissional liberal e como fun-

cionário graduado de uma Empresa que funcionava com concessão do Estado, obrigado a observar conta reserva em assuntos públicos, e de compreender que também por este motivo não podia aceitar a liderança do partido da revolução, e, porque não podia propor ao Dr. Nereu Ramos entre, os presentes na reunião, um líder de origem da Nova Breslau. Assim, sob a liderança do senhor Eduardo da Silva Hoechan, começaram as muitas discussões sobre a futura administração da região da Hamônia-Hansa com voltas e reviravoltas.

Com o meu ponto de vista de que a administração da região alta só devia ser instalada no centro da vila de Nova Breslau, seja como distrito seja como município, não precisava de discussões; quase nunca mais tomei parte nestas reuniões, mas fiquei sempre informado e até previamente convidado. Mesmo para a reunião que em Florianópolis, sob os auspícios do governo-federal com presença de representantes de Hamônia, Nova Breslau, Nova Bremen e José Boiteux, devia se sentir salvo o futuro da região. Não tomei parte desta reunião, pois minha posição de único eletricitista da região, não permitia uma ausência de dois ou mais dias. As despesas para os outros membros das delegações, todos do alto comércio, insignificantes, seriam para mim um alto tributo; assim sem a minha participação foi criado o município de Dalbérgia.

Dalbérgia o nome. O jornal "Urwaldsbote" de Blumenau em oposição ao Governo Revolucionário, escreveu que o "Visconde von Bahlberg", foi um traidor, pois agiu, em 1806, com Napoleão I

contra os Estados alemães de Rhenania e Prússia, etc.

A oração oficial: Dalbérgia é o nome de uma planta que cresce em abundância em nossa região. Seu descobridor foi o botânico Dahlberg.

A voz do povo: Dalbérgia é o nome da filha do sr. Eduardo.

O lugar escolhido para sede do novo município era na metade, entre Nova Bremen e Nova Breslau e previu a possibilidade de retirar a administração por completo de Hamônia. Restou agora puxá-la mais dois quilômetros até ao centro de Nova Breslau, que experimentei. Desenhei num cartão de 60 x 40 cm um mapa abrangendo a Vila de Nova Breslau, mostrando todas as ruas, casas e indústrias existentes, junto com uma tabela comparativa e outros dizeres. Uma vista panorâmica de três fotografias colocadas em cima do mapa deveria ilustrar o que este mostrava. Foi então que descobri que um bosque situado à margem do Rio Krauel, cobria quase totalmente o lugar da projetada Prefeitura e aproveitando isso, escrevi na carta que mandei junto com o mapa ao Governo em Florianópolis, naturalmente, entre outras coisas que: "prova que há sempre preparada a rivalidade entre Nova Breslau e Nova Bremen e, que havia em mito, novamente espalhado por interesses pessoais, de comércio, loteamentos, etc etc. Que em nada justifica a instalação da Prefeitura numa clareira do mato virgem". Nunca recebi resposta, mas, algum tempo depois, foi a Prefeitura deslocada para Hamônia e até a pedra fundamental desapareceu. Só indiretamente recebi uma idéia do que

havia acontecido, porque foi falado da “mentira do século — mostrar com fotografias uma clareira no mato virgem onde nem existe mato, etc”.

Admito, o tiro saiu pela culatra; morreu o município de Dalbérgia, mas não nasceu o de Nova Breslau. Era um fracasso? Eu acho que não, pois com uma Prefeitura de Dalbérgia firmemente instalada no centro, em edifícios e tudo “drum und dram”, nunca haveria um município de Presidente Getúlio instalado no centro da vila. O veredictum cabe à nova geração, aos filhos de meus inúmeros amigos de 1930. Que Deus proteja o meu querido Presidente Getúlio. Naturalmente foi esta possibilidade completa e publicamente ventilada e o impossível aconteceu. Pela primeira vez na história do Neu Breslau visitou oficialmente o Prefeito do Município de Blumenau, na pessoa do saudoso sr. Curt Hering, onde, num salão em assembléia pública, o projeto foi discutido.

A este primeiro sucesso deu-se entretanto em seguida a nova negativa. O município de Blumenau não dispunha de verbas, o distrito de Hamônia tão pouco, mas, para mostrar sua boa vontade pessoal, o sr. Curt Hering ofereceu um conto de réis, e ao Sr. Aurich, para a lei Hanseática, o mesmo. E o Intendente do distrito de Hamônia — deu seu apoio.

A tarefa de explicar aos moradores, quase todos colonos, a necessidade de ser eleitor, foi difícil e dispendioso, devido ao grau de cultura deles e não sei mais quantas semanas de meu tempo tive que sacrificar para esta missão.

Mas o resultado, afinal, superou todas as previsões. Como tinha decidido escrever em cada requerimento: “morador do lugar tal e tal da região de Nova Breslau” e, com vistas às próximas eleições chegaram as promessas pré-eleitorais de: distrito, cartório, coletoria, etc..

A importância de Nova-Breslau na vida política de Município não era mais uma utopia. Era uma realidade com que os meios políticos tinham de contar, e, daí em diante contavam. Era isso mais um sucesso da “Associação Regional” lamentavelmente o último, pois a Associação fundada para os interesses econômicos, foi desviada para o campo político, muito delicado neste tempo (ano 1930). O ritmo tranquilo das eleições neste época — a Presidência da República uma vez para São Paulo, outra vez para Minas Gerais e vice-versa, era bruscamente perturbada pela aspiração de Rio Grande do Sul, apoiado por Paraná e Paraíba, de entrar com seu candidato Getúlio Vargas. Como de um lado se falava de que se o Rio Grande não ganhasse a eleição, Getúlio tomaria o poder com as armas, de outro lado, embora encurralado entre Rio Grande do Sul e Paraná, a política de Santa Catarina (e Blumenau naturalmente) apoiava a oligarquia situacionista de São Paulo e Minas, o ambiente político em Nova Breslau não foi de calma. Por isso, quando tratamos na Associação Regional de serviço eleitoral, foi deliberado por unanimidade não colocar propagandas. Propaganda política por parte ou em nome da Associação Regional, nem para um nem para o outro partido, e em fiel cumprimento a esta resolução, evitei, na

minha missão de serviço eleitoral, toda discussão partidária, simplesmente porque neste tempo — para dizer hoje francamente eu não me interessava em nada por politica partidária. Eu não fui “Político”.

Quem torpedeou a Associação Regional? Certo dia me foi apresentado um “Convite” para um comício em prol do partido situacionista (Julio Prestes) assinado pela Associação Regional para o desenvolvimento econômico da Hansa Ltda. Local, num salão na vila. Naturalmente assisti ao comício. Na mesa presidiu o fundador da Associação. Depois dos oradores pró Julio Prestes, pedi a palavra e unicamente na intenção de restabelecer a imparcialidade política da Associação Regional fiz de improviso um discurso pró Getúlio Vargas. Ao final do meu discurso, o salão vislumbrava com viva Getúlio, viva Vargas.

Meu primeiro encontro com o Município de Presidente Getúlio, denominado antes de “Nova-Breslau”, antes “Dalbérgia”, antes “Neu-Breslau” e — na sua primeira fundação “Neu-Zurich”, pois os primeiros colonizadores chegaram da Suíça e que, entretanto, atormentados pela febre e os índios hostís, abandonaram o lugar depois de curta atividade. digo este meu primeiro encontro já me demonstrou o calcanhar de Aquiles — (die Achilles — Teese) — da região “Hinterland” do grande município de Blumenau. Três horas de viagem com carro de mola do estafeta do correio, eram necessárias para levar-me da estação da Estrada de Ferro — situada neste tempo na confluência dos rios Krauel e Rio Itajaí do Sul até a confluência

dos rios Krauel e Índios, onde — na outra margem começou a povoação de Nova-Bremem.

Neste caminho, embora sem um metro quadrado de macadame, traçado com morro e, baixada, somente em curvas já era um grande progresso contra o estado anterior, onde não existia nenhuma ligação direta de Presidente Getúlio com a Estação.

Estação da Estrada de Ferro e a sede do distrito era então chamada “Hammônia”. A região de Presidente Getúlio foi uma parte deste distrito de Hamônia e somente nesta vila ficaram todas as repartições públicas. Nenhuma delas demonstrou que tinha um verdadeiro interesse com o progresso da região alta do distrito, progresso que dependia dos funcionários municipais, estaduais ou federais, pois só estes tinham influência no governo e na administração. Deixamos falar um intendente do distrito de Hamônia, que respondeu a uma delegação de moradores de Nova-Breslau que pediu a abertura de um caminho de lá até Nova-Satattim para evitar o desvio via balsa até Nova Bremen, caminho dos carrapatos até Hamônia. novamente via balsa para a estação da Estrada de Ferro: “Se cada carroseiro só bebe uma cachaça em Hammônia isso já representa um consumo generoso”; (anotação minha: é um bom lucro para o comércio de Blumenau).

Prefeitos e Prefeitura de Blumenau parece que só tinham olhos e ouvidos para a sede do distrito Hamônia pois nada foi feito em benefício da sua região alta. Os moradores de Neu-Breslau, na sua maioria reunidos no clube da ginástica sob a liderança do se-

nhor Wilhelm Goebel, ofereceram, fazer com suas próprias mãos, a ligação para a estação via Nova Stettin, caminho que, por isso durante muito tempo, foi denominado "Turnerstrasse".

Falta completa de interesse por parte da Prefeitura de Blumenau deu como resultado o descontentamento geral dos moradores da região alta para com o Município.

Foi este o ambiente que encontrei quando fixei a minha residência em Neu-Breslau. Para contrabalançar a amarga verdade de que perante as autoridades competentes e o povo em geral nunca foi atendido em suas justas aspirações, por louvável iniciativa do Dr. Heirinch Blaul foi fundada a "Associação Regional para o desenvolvimento dos interesses econômicos da Hansa Alta." Com isto Neu Breslau dispunha de uma representação que não mais podia ser ignorada e cujas reclamações não podiam mais ser simples e sumariamente "arquivados" como antes.

Prova disto deu-se na primeira ocasião. Caçadores ou matreiros, eu não sei quem foi, descobriram a possibilidade para um caminho quase sem curvas, sem subidas, sem descidas, entre a estrada geral na confluência dos rios Hercílio e Krauel e Nova Stettin com um comprimento de quase só um terço do único caminho existente entre os dois pontos. Uma ligação ideal de Neu Breslau para a Estação da Estrada de ferro.

Nem proclamado nem eleito fui por toda a população, mais adiante, líder na política pró Vargas numa posição na qual nunca tinha chegado e que até certo ponto não desejava, pois o meu ideal

foi unicamente trabalhar para o progresso da minha pequena pátria: Nova-Breslau.

Sendo agora "Político", embora "malgré-lui", continuei como 1º. secretário da Associação Regional e não querendo, de modo algum aumentar as diferenças entre os membros, provocados pelo comício fracassado, extinguir a política ao puramente bate papo em particular, na casa. Nada na rua, nada de comício ou de reuniões. Assim, sem o menor incidente reinou calma até o dia da eleição, e após a mesma.

Embora advertido por diversas vezes — para salvar a minha pele — de não assistir a eleição ou pelo menos não votar, naturalmente não segui estes conselhos; mas vibrei, com a esmagadora vitória do partido governamental, e com a propaganda dos adeptos deste partido. Reinava paz até que Getúlio tomou o poder por força da revolução. Com esta, chegaram os novos governantes interventores e políticos e certo dia fui convidado para assistir "sem falta" a uma reunião e recepção em Hamônia, do Ilmo. Sr. Nereu Ramos, recém-eleito Deputado Federal na chapa do — agora — Presidente Getúlio Vargas.

O Dr. Nereu Ramos, querendo nesta ocasião fundar e instalar o novo partido e uma diretoria, em palestra amigável propôs-me a presidência no Diretório Regional, abrangendo Hamônia, Nova Bremen, Scharlach (José Boiteux) e Nova Breslau. honra que eu, sabendo que nem os meus conhecimentos do português, nem os meus recursos, nem a minha situação de imigrante me qualificariam para isso, não podia aceitar. Diante da minha negativa e,

como não lhe podia propor entre os presentes ninguém de Nova Breslau apto e digno de confiança, o Dr. Nereu Ramos, bem informado já das inspirações regionais, propôs o senhor Eduardo da Silva Hoerhan — o pacificador dos índios — que no seu posto Duque de Caxias sem interesses regionais, podia ser o bom mediador entre as partes; "ser mais uma vez o pacificador," palavras do Dr. Nereu Ramos.

Naturalmente todos os presentes aplaudiram a designação do Dr. Nereu Ramos.

Naturalmente todos os presentes aplaudiram a designação do Dr. Nereu Ramos e o peso político da região deslocou-se de Nova Breslau porque lá — no meu ver — havia pessoas aptas mas não de confiança absoluta para com a disciplina partidária, como a razão prova esta minha segunda negativa às propostas do Dr. Nereu Ramos, e ligadas com a minha atividade na eletrificação da região de Nova Breslau.

Como engenheiro autônomo, tinha projetado e construído em

Nova-Breslau, por conta do senhor Emil Goebel, na propriedade dele, aproveitando a já existente máquina a vapor de 30 cv, uma pequena Usina — Ferro — Elétrica com dois dinamos de 5,5 cv cada uma. As instalações funcionavam perfeitamente. Mas somente nas horas da noite não tolerava o uso de aparelhos elétrico-domésticos. Então correu o boato de que a "Empresa Força e Luz Santa Catarina", projetava uma linha de transmissão de Blumenau até Rio do Sul passando pela vila de Hamônia. Como uma ligação por meio de uma linha de transmissão de Nova-Breslau até Hamônia com esta empresa, proprietária da Usina Salto com mais que 4000 kvs, significava luz e força elétrica dia e noite e em quantidade ilimitada em reunião pública foi deliberado entrar em contato com a dita Empresa. Esta por sua vez confirmou que o respectivo projeto era uma realidade e não só boato, certo para impedir uma possível anulação de sua concessão na região do Rio do Sul onde muito já havia sido feito.

Reminiscências Históricas

As Lutas empreendidas pela Família Zonta, ao pisar o Solo, Brasileiro, no sentido de sobreviver, foram uma verdadeira Epopeia, em meio à Floresta Brasileira.

Na Itália, a Família Zonta, ou seja, a maioria das famílias de agricultores encontrava-se em situação de penúria e de desolação por falta de espaço, bem como, de terra para cultivar e, sobretudo, faltava-lhes o absolutamente necessário para poderem sobreviver. Deixaram a Pátria, despediram-se dos parentes e amigos para nunca mais revê-los afim-de alcançarem e adotarem aqui a nova Pátria, o Brasil, trazendo em seus corações nostálgicas recordações. Chegaram, então, na Colônia de Blumenau nos idos de 1876 do século passado e foram, posteriormente, encaminhados, através de guias, para o Médio Vale

do Itajaí-Açu, mais especificamente, para Ascurra, abrindo picadas e vencendo os bosques para aí se estabelecerem e começarem, mais uma vez, sem nada às mãos, as asperezas da vida. Encontraram a mata virgem por desbravar e a solidão profunda da selva, cheia de toda a sorte de privações, vivendo em verdadeiro estado de penúria. A medida que as forças permitiam, foram construindo miseráveis choupanas barreadas para se protegerem das intempéries, das feras e dos buggres que, com frequência eram por estes surpreendidos e assaltados. Entretanto, a fé e a coragem foram os elementos preponderantes para suplantarem todas as dificuldades e viverem a nova realidade. Apesar de tudo, encontraram na Pátria de adoção meios de subsistência mais propícios do que em sua Pátria de origem. E a presença italiana, apesar de tudo, contribuiu positivamente para o progresso e desenvolvimento de Santa Catarina, máxime do Vale do Itajaí-Açu. Esses bravos imigrantes, trentinos e paduanos, foram aos poucos, empiricamente, fazendo os roçados e abrindo clareiras em suas terras, podendo inicialmente desenvolver uma economia primitiva de sobrevivência. Plantaram as sementes. À medida que estas germinavam, cresciam e se desenvolviam. inundavam de alegria os corações dessa gente sofrida e nesse rol, juntamente com a Família Zonta, encontramos as famílias contemporâneas dos pioneiros: Andrea Zonta, Attilio Beber, Cesare Girardi, Giuseppe Bazzanella, Nicollo Faez, Salvatore Felippi, Bertolo Girardi, Giuseppe Stédille, Marco Fachini, Anselmo Bona, Giacomo Dalfovo, Giuseppe Maiola, Luigi Fachini, Ermenegildo Poffo, Davide Raffaelli, Angelo Tomio, Carlo Dalfovo, Albino Bona, Emílio Rafaelli, Giovanni Dalpiaz, Elia Barbeta, Giacomo Testoni, Paulo Simonetti, Giuseppe Bertelli, Luigi Losi, Gotardo Possamai, Antônio Ferrari, Luigi Marcarini, Bortolo Gandin, Giovanni Dagnoni, Giovanni Buzzi, Giovanni Passero, Luciano Bettini, Matei Possamai, Giuseppe Viviani, Giuseppe Vizontin, Luigi Catafesta, Giuseppe Merini, Giacomo Possamai, Domenico Fusinate, Aristides Marchi, Pietro Fistarol, Benjamin Moser, Francesco Moser, Antônio Pisa, Giovanni Mondini, Angelo Andriani, Francesco Prada, Giovanni Chiarelli e Giovanni Biz.

A distância de Ascurra a Blumenau, em picadas impraticáveis, em cuja sede já existiam escolas, impediam que os filhos desses imigrantes pudessem, ao menos, aprender as primeiras letras. Mas, paulatinamente, ao dobrar dos anos, a povoação foi se desenvolvendo, alcançando para sua alegria, um prenúncio de progresso, melhorando desta forma a situação econômico-financeira desses heróis imigrantes de mãos calejadas e de faces tostadas pelo sol causticante.

Hoje, graças à Família Zonta e as demais famílias dos imigrantes já mencionadas que, juntas aportaram aqui e se instalaram em nossas matas primitivas, deram mostras de trabalho, de sacrifício e de abnegação, e deixaram o exemplo vivo para ser seguido por todos os seus descendentes. E o livro intitulado "Genealogia da Família Zonta e a História de sua Migração", de minha autoria, espelha e traduz, de maneira plena, as vidas e a coragem desses heróis desbravadores cujas conquistas foram uma verdadeira epopéia.

Attilio Zonta

ENÉAS ATHANÁZIO

DE PERTO E DE LONGE (O CRONISTA)

A crônica é o tipo de narração que mais se vale do tempo, toda a sua argumentação liga-se, imperiosamente, ao fator tempo. O termo crônica vem do grego CHRONIKÓS, relacionado a CHRÓNOS — tempo. O relato de fatos do cotidiano, faz-se via objetividade — pleno senso denotativo do texto, ou por intermédio da subjetividade — a carga conotativa invadindo o universo lingüístico dos fatos.

A descrição real, leva o leitor a encarar o texto de forma crua, isento da preocupação estritamente criativa, de se ler nas entrelinhas. Isto nos leva a crer na existência do cronista-nato, aquele que transforma a banalidade em pérolas literárias, aquele que escuta com mais acuidade o chamado da beleza. O verdadeiro cronista é o que dispensa subterfúgios, que escapa da falsa literatura — a arte literária feita com o pedantismo das fórmulas laboratoriais (retórica), daí, se afirmar que a necessidade do olhar poético do cronista é fundamental, ele precisa enxergar o PERTO E O LONGE das coisas, registrar o mais sensível estado de espírito, captando com singeleza o flagrante lírico, fazer a sua reflexão sobre a existência.

Seu olhar ambíguo deve ser capaz de refletir o PERTO E O LONGE de cada comentário, afinal de contas, o cronista-narrador-comentarista é uma espécie de diluidor de emoções, capaz de fazer confissões, assim como o maior de todos os nossos cronistas, Rubem Braga — o Sabiá: “Confesso que escrevo de palpite, como outras pessoas tocam piano de ouvido,” palavras encantadoras de um mestre da simplicidade — mágico do belo.

O livro O PERTO E O LONGE-vol.

II, do escritor catarinense ENÉAS ATHANÁZIO, nos revela um cronista-nato, seguro e consciente deste papel sublimado, que é o de contar-comentar-informar com sensibilidade aguçada, impressões variadas. O PERTO E O LONGE (vol. II) reúne 22 crônicas, escritas entre 1982 e 1990, onde Enéas Athanázio passeia pelo universo nostálgico/saudosista e, em alguns momentos, pungente da vida cotidiana.

Em “Dias e Horas de Vibração”, crônica que abre o livro, título tomado de empréstimo de uma obra de Gilberto Amado, Enéas Athanázio visita escritores nordestinos, entre eles Luís da Câmara Cascudo (falecido) em Natal, Mário Souto Maior (em Recife), o poeta Eugênio Freitas em São Luís e em Fortaleza o historiador Joarivar Macedo. Tem razão Enéas: “A sabedoria popular também tem muita mentira.

O próximo passo de Enéas é visitar o jornalista e autor de vários livros Luiz Luna. Tece comentários a respeito de suas obras, entre as quais: **O Negro na Luta Contra a Escravidão, Lâmpião e Seus Cabras e Ascenso Ferreira-Menestral do Povo**. Enéas conversa e ouve os curiosos casos de Luiz Luna.

Lasar Segal, o Pintor de Almas, é fruto de uma visita ao Museu Laser Segal, na Vila Mariana, em São Paulo. O fascínio e a magia das cores impregnando e inspirando o cronista “ao correr da pena”, ou neste caso, ao correr da tinta — necessária redundância, afinal de contas, o Brasil revelou a Lasar Segal “O milagre da Luz e da Cor”, bons tempos. Quisera, hoje, o Brasil revelasse, a nós, apenas o milagre da vida! Justa e encantadora ho-

menagem a um dos grandes pintores que o país acolheu. Filho por amor e livre escolha.

O Modernismo em Santa Catarina, em geral, as idéias inovadoras chegam com bastante atraso a Santa Catarina. O Modernismo eclodiu em 1922 isto em São Paulo, já em SC, só veio a florescer na década de 40, ressaltando-se a grande importância do Grupo Sul, como bem demonstra Lina Leal Sabino em sua obra: "Grupo Sul: O Modernismo em Santa Catarina".

Enéas Athanázio escreve, também, sobre a **Ascurra de Ontem e de Hoje**, focalizando um pouco da história desta cidade, fundada por um alemão, Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau. O início de sua colonização, seus primeiros habitantes, a lendária figura, meio bárbara, de Martinho Marcelino de Jesus, o "Martinho Bugreiro" — caçador de índios; o Pe. José Maria Jacobs — 1º, vigário da paróquia de Blumenau e o Dr. Giovanni Rossi (médico, sociólogo e agrônomo e a sua experiência com a Fundação da "Colônia Cecília" — núcleo comunista italiano, onde o sistema de amor livre produziu uma séria crise (o anarquismo desmantelado pela falta de mulheres). Este é o universo pesquisado e comentado com sabedoria e pequenas doses de humor, por Enéas Athanázio, nesta sua curiosa/informativa crônica.

A Crônica das Ausências Doloridas é o mais belo, poético e envolvente momento do livro **O PERTO E O LONGE** (vol. II). Há um delicado relato das transformações causadas por um "ti-

pico progresso desordenado" — a devastação das matas, mal que precisa ser contido, o desaparecimento de determinadas espécies de pássaros e o descuido do homem com ele próprio — fazem das Ausências Doloridas, um painel melancólico e triste, confissão indignada de um homem que observa/sofre: "As pequenas cidades, manchas diferentes do mar esverdeado das colinas, padecem todos os malefícios de um urbanismo de imitação."

O ser humano necessita de espaços e de braços abertos para a acolhida do amor, caso contrário, seu derradeiro suspiro será dado "Num mundo de vazios e amplidões, os homens se empoleiraram em cubículos." O afeto à terra e ao ser humano são as marcas registradas desta crônica, que busca espantar as ausências doloridas. Revolucionário ato de amor à vida.

O **PERTO E O LONGE** (vol. II) de Enéas Athanázio, por esta e por outras, vale, e como, pela verdade, pela coragem de rasgar as vestes da rotineira mediocridade e pelo senso poético das palavras, sempre tão próximas, e ao mesmo tempo tão distantes dos pássaros que teimam em não cantar.

O **PERTO E O LONGE**, a escritura múltipla e a linguagem poética no olhar de um grande escritor, Enéas Athanázio.

R. Leontino Filho

(Poeta e Professor de Lit. Brasileira da FURRN — Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte).

Aconteceu...

JULHO DE 1991

— DIA 3 — Os campeões brasileiros e sul americanos em marcha atlética e natação, Sérgio Galdino, Ivana Rúbia e João Sendeski, (na marcha atlética) e Rogério Branco e Lillian Germer (na natação), foram homenageados pelo prefeito Victor Sasse, em solenidade realizada no salão nobre da Prefeitura. Na ocasião, após pronunciar palavras de agradecimento aos esforços e o desempenho dos homenageados, Sasse fez entrega de placas de prata. Registrando as recentes conquistas.

— DIA 3 — O Pronto Socorro do Hospital Santo Antonio, depois de haver passado por uma reforma que demorou cerca de oito dias, reabriu nesta manhã, para atendimento ao público. As modificações nas estruturas do local foram feitas visando proporcionar maior eficiência no ordenamento do atendimento. Esta melhoria, pois, veio ao encontro das aspirações da população em geral.

DIA 3 — A distribuição de onze mil mudas de árvores frutíferas foi iniciada, promoção do Departamento de Agricultura da Prefeitura, coordenação da Secretaria de Ação Comunitária. Esta atividade, tem o auxílio da ACARESC e visa, entre outras coisas, o aproveitamento de áreas não utilizadas dentro do Município para o plantio de árvores.

DIA 5 — Realizou-se a solenidade de abertura do 5º Festival Universitário de Teatro de Blumenau, com a apresentação do primeiro espetáculo concorrente. O evento aconteceu no Auditório "Heinz Geyer", Teatro Carlos Gomes.

DIA 5 — No complexo do SESI, à rua Itajaí, teve lugar a solenidade de abertura do IX Festival de Dança. A solenidade foi iniciada às 19,00 horas e, nos dias subsequentes, os espetáculos tiveram início às 15,00 hrs.

DIA 6 — Foi iniciada aplaudida iniciativa do Departamento de Cultura da Prefeitura. O fechamento da rua 15 de Novembro, em toda a extensão, transformando-a num calçadão. A iniciativa, que visa prodigalizar ao público este conforto todos os sábados das 8 às 13 horas, foi recebida com aplausos pela população blumenauense que, a partir daí, pode concentrar-se ao longo da rua 15, naquele horário, aos sábados, para toda espécie de lazer, inclusive para compras. As crianças também ocupam seu lugar, assistindo a diversos espetáculos infantis. Enfim, uma iniciativa que mereceu e merece os aplausos gerais.

DIA 6 — Um grande baile que mobilizou a quase totalidade dos associados, foi realizado no Centro Cultural 25 de Julho, em comemoração ao sétimo aniversário do grupo de danças folclóricas daquela sociedade "Blumenauer Volkstanzgruppe". As danças foram abrilhantadas pelo aplaudido conjunto musical "Os Vilanenses." Foi uma festa completa, aonde reinou muita alegria e confraternização, entrando pela madrugada do dia seguinte.

— DIA 6 — O menor livro do mundo, segundo até aqui se sabe, foi entregue pelo prefeito Victor Fernando Sasse, para ser guardado no Museu da Família Colonial, pertencente à Fundação "Casa Dr. Blumenau". O chefe do Executivo blumenauense foi presenteado com o citado livro pelo sr. Wolfgang Born, de Kuemmersbruck. Alemanha. O livro, que possui 5 milímetros de comprimento por cinco milímetros de altura e 2 de espessura, contém em suas páginas, o texto do Juramento Olímpico escrito em sete idiomas: alemão, inglês, italiano, grego, sueco, francês e finlandês. Com o auxílio de uma lupa que também é o invólucro do livro, é possível ler perfeitamente o que acha-se escrito em suas minúsculas páginas.

DIA 9 — No Teatro Carlos Gomes, foi encenada a peça "Bonitinha mas

Ordinária", de autoria de Nelson Rodrigues e levada à cena pelo grupo do Curso de Artes Cênicas da PUC do Paraná.

DIA 9 — O Segundo Grupamento de Incêndio de Blumenau promoveu, pela manhã, a aula inaugural solene, de abertura de um curso de formação de soldados bombeiros militar, turma 1991. Os 31 alunos que passaram nos exames de admissão, entre os 250 inscritos em todo o Vale do Itajaí, assistiram uma aula teórica ministrada pelo prefeito Victor Fernando Sasse. O curso possui 13 disciplinas, desde relações públicas até socorros de urgência.

DIA 9 — Nesta madrugada, por volta das 4,15, a sra. Josiane, esposa de Acélio de Souza, que era transportada para a maternidade não conseguiu chegar ao destino, tendo dado à luz seu filho dentro do próprio carro que era conduzida e o parto foi feito pelo próprio marido, Acélio de Souza. Ao chegar ao hospital, a parteira que a atendeu, só teve o trabalho de cortar o cordão umbilical e os demais cuidados relativos ao parto. A parturiente, assim como a criança, passaram bem e nada de anormal aconteceu com a menina, que nasceu com 3 quilos e 300 gramas.

DIA 11 — O presidente da Caixa Econômica Federal esteve em Blumenau, aonde assinou, com o prefeito Victor Sasse e o Diretor do SAMAE, Carlos Wachholz, um convênio no valor de 7 bilhões e 500 milhões de cruzeiros, importância que se destina à construção da III Estação de Tratamento de Água, que visa solucionar o problema de abastecimento à população blumenauense até o ano 2000.

DIA 13 — No Aeroporto Quero-Quero, foi feita a abertura do 6º. Festival Sul Brasileiro de Aeromodelismo. Oito Estados participantes apresentaram cerca de 260 aparelhos em evolução durante os dois dias do festival.

DIA 12 — No Hospital Santa Catarina, foi feita a reinauguração do Centro Cirúrgico, agora totalmente renovado e modernamente instalado. Na ocasião, foi exibida uma maca moderna para transporte de doentes ao Centro, especialmente desenvolvida no próprio hospital.

DIA 13 — O S.A.M.A.E. — Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto, inaugurou, com solenidade perante grande número de famílias residentes nos arredores e diretamente beneficiadas, o Sistema de Captação e Distribuição de água na rua Bruno Schreiber, Loteamento Canto do Rio, no Garcia, assim como ruas transversais. No novo sistema que beneficiou numerosas famílias daquele subúrbio, o SAMAE investiu 60 milhões de cruzeiros. A solenidade aconteceu na Escola Básica "Prof. Vieira Corte, com a presença de autoridades.

DIA 13 — Em Salto do Norte, foi inaugurado o novo Quartel do Corpo de Bombeiros, que fica localizado na rua "Ari Barroso". Grande número de populares residentes naquele bairro, esteve presente.

DIA 13 — Após nove dias de apresentações que maravilharam o público blumenauense, foi encerrado o 5º. Festival de Teatro Universitário de Blumenau. O grande vencedor foi o grupo representante da Universidade Federal da Bahia, com a peça "O Menor Quer ser Tutor". (JSC — 16/7/91)

DIA 17 — Moradores da rua Gustavo Zimmermann, na Itoupava Central, denunciaram que um foco de poluição causado por algum detrito lançado no ribeirão Itoupava teria causado a morte de todos os peixes. Os denunciantes solicitaram investigações por parte das autoridades.

DIA 21 — Aconteceu a grande abertura do II Festival de Música de Blumenau, um acontecimento que mobilizou a comunidade blumenauense atuante na área cultural. A abertura deu-se com duas obras de Wolfgang Amadeus Mo-

zart: "D. Giovanni" e "Cosi Fan Tutti" e que teve a participação especial da oboísta tcheca Ludmila Jezová.

DIA 25 — Em Comemoração ao Dia da Imigração Alemã no Brasil, o Centro Cultural 25 de Julho promoveu solenidades diversas. Entre elas, foi o da colocação de flores no Monumento ao Imigrante, na Praça Hercílio Luz e a apresentação, na sede, de um filme alemão denominado "Fuenf Wochen in Herbst 1989", versando sobre a parte inicial da abertura do muro de Berlin.

DIA 27 — Foi embarcada com destino a Curitiba, a primeira locomotiva que trafegou em serviço de lastro quando da construção da Estrada de Ferro. Trata-se da máquina denominada de "Macuca" e que será, em Curitiba, totalmente restaurada pela firma Construtora Roca e participação da Sul Fabril, cujo contrato foi assinado por aquelas empresas juntamente com a prefeitura de Blumenau.

— DIA 29 — Com a presença de numeroso público, a exemplo do que aconteceu no transcorrer da temporada, foi encerrado o II Festival de Música de Blumenau, no Teatro Carlos Gomes. O festival foi marcado pelo alto nível técnico das interpretações de obras clássicas e contemporâneas, reunindo os melhores instrumentalistas brasileiros.

DIA 27 — No Centro Cultural 25 de Julho, ainda em homenagem ao Imigrante, realizou-se um Concerto musical, que contou também com a participação dos Corais Liederkrantz, do Coral Misto e diversas apresentações musicais, destacando-se a citara de Mônica Gauche Hamp.

DIA 29 — Na Casa da Manchete à rua Itajaí, aconteceu a abertura da exposição ARTE DE BLUMENAU, com a participação dos artistas Érica de Araujo, Terezinha Heimann, Wanderlei Bosquê de Caldas, Roy Kellermann, Paulo R. Cecconi e Guido Heuer.

Conselho Curador tem novo presidente e vice

Em reunião de trabalho — a quarta, após a posse — realizada pelo novo Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Blumenau", ocorrida no dia 19 do corrente mês de agosto, foi cumprida uma ordem do dia, na qual constava: leitura final do novo texto dos Estatutos da Fundação, que sofreram algumas leves alterações, e do Regimento Interno que em breve entrará em vigor. Como terceiro ponto da reunião, os srs. conselheiros, em número de nove e, portanto, com a ausência de apenas dois membros, elegeu o presidente e o vice-presidente, recaíndo a escolha na pessoa do conselheiro Frank Graf, para presidente, e a sra. Aiga Barreto

Müller Hering, para a vice-presidência.

A reunião foi das mais cordiais, revelando todos os srs. conselheiros confortadora disposição de trabalhar em prol do constante desenvolvimento das atividades culturais do município, agora sob a égide da Fundação "Casa Dr. Blumenau". De acordo com o que consta dos Estatutos já existente anteriormente, o presidente do Conselho Curador será o presidente da Fundação, representando-a em todos os atos oficiais e eventos de ordem cultural que se realizarem no município.

Ao fazermos este registro, cumprimentamos ao sr. Frank Graf e à sra. Aiga Barreto Müller Hering pela feliz escolha de seus pares.

Estevão Brocardo de Matos

Antônio Roberto Nascimento
do Instituto Histórico e Geo-
gráfico de Santa Catarina

Segundo o Prof. WALTER FERNANDO PIAZZA (Dicionário Político Catarinense, pp. 333-334), Estevão Brocardo de Matos, primeiro Contador da Real Junta da Fazenda da Província de Santa Catarina, seria natural de Pernambuco, onde nascera por volta de 1780, tendo sido casado duas vezes: a primeira com D. Maurícia Cândida de Carvalho e a segunda com D. Felizarda Amália da Costa, filha de Raulino da Costa Freire e de D. Luísa Vitória de Albuquerque, havendo a filha D. Maria Amália desse último consórcio, casada, por seu turno, com João Pinto da Luz, comerciante e político do Desterro (ob. cit., pp. 314-315). Nomeado em 1817 e aposentado em 1832, Estevão Brocardo de Matos faleceu no Desterro, aos 21.2.1845. Foi membro do Conselho Geral da Província (1824 — 1832), Juiz de Órfãos e Ausentes (1839 — 1841), Deputado à Assembléia Legislativa Provincial à 3^a. legislatura (1840 — 1841), Major de Ordenanças e político atuante (id. ib.).

Parece-nos, todavia, que embora natural de Pernambuco não veio de lá para Santa Catarina, senão do Rio Grande do Sul, onde, ao que presumimos, deve ter exercido algum mister importante. Ademais, cremos que foi casado três vezes, sendo a primeira com Angélica Nunes, também natural de Pernambuco, com quem teve a filha D. Vicência Angélica de Mattos, natural da Cidade de Porto Alegre, casada com José Lopes da Cunha Mello, natural da freguesia de Santo Antônio do Recife, em Pernambuco, filho de Manoel Lopes de Moura, natural da Cidade do Porto, e de Joaquina Maria de Jesus, natural de Pernambuco, de acordo com o batismo da neta Maria, aos 27.6.1830, na Capela de São João Batista de Itapocoróia, hoje Penha (Livro n^o. 2 de batismos da Penha, SC). É possível, outrossim, que o referido genro estivesse ligado à pesca de baleias pois caso contrário, não teria sentido sua estada na Armação Real de Baleias de Itapocoróia em 1830. O sobredito genro José Lopes da Cunha Mello não deve ser confundido com o José Tavares da Cunha Melo, pai do Desembargador Francisco Tavares da Cunha Melo Sobrinho (Dicionário Político Catarinense, pp. 342 — 343, verbete de IAPONAM SOARES), natural de Itambé, Pernambuco, onde nasceu em 1^o.5.1873, a não ser houvesse algum parentesco.

Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (III)

(Continuação)

ANO DE 1913:	lhos de fábrica da matriz e das
Termo 1: Renovação de provi-	capelas e de celebração de missas.
sões de vigário, de coadjutor, fa-	Termo 2: Provisão de D. João
culdades (até 31.12), dos Conse-	Becker permitindo a construção

de uma capela de madeira no povoado de Baú, em 25.07.

Termo 3: Missões populares em Gaspar, de 10 a 17.08.

Termo 4: Relatório da administração paroquial de 1913: Batizados (334), casamentos (41), visitas aos doentes (102), confissões (14.479), comunhões (15.179), las. Eucaristias (76), práticas (372), membros do Apostolado (500), Filhas de Maria (275), Congregação Mariana (130), Terceiros Franciscanos (28).

Termo 5: las. Eucaristia na matriz de 32 crianças em 30.04.

ANO DE 1914:

Termo 1: Renovação de Provisões de: vigário, coadjutor, faculdades (até 31.12.), dos Conselhos de fábrica da matriz e capelas e de celebração de missas (até ... 31.12.).

Termo 2: la. Carta Pastoral de D. Joaquim Domingues de Oliveira (sem data).

Termo 3: Celebração da la. Eucaristia de 135 crianças (sem data).

Termo 4: Carta Pastoral de D. Joaquim sobre a eleição do papa Bento XV (sem data).

Termo 5: 3ª. Carta Pastoral de D. Joaquim sobre o Advento (sem data).

Termo 6: Transferência de Fr. Osmundo para Blumenau e chegada de Fr. Leonardo à paróquia, em 19.11.

Termo 7: Celebração da la. Eucaristia de 150 crianças nas capelas, em 06.12.

Termo 8: Faculdade para receber uma família luterana na igreja católica, em 14.02.

Termo 9: Faculdade para benzer o cemitério de Gasparinho, em 26.02.

Termo 10: Faculdade para abrir, rubricar e encerrar um li-

vro de batizados, em 31.01.

Termo 11: Relatório da administração paroquial de 1914: número de famílias (1.100), batizados (328), unções (58), confissões (12.583), comunhões (13.016), las. Eucaristias (135), matrimônios (44), membros da Ordem Terceira (32), Pia União das Filhas de Maria (280), Congregação Mariana (130), Apostolado da Oração (500).

ANO DE 1915:

Termo 1: Provisões de: vigário encomendado (23.12.1914), de coadjutor (23.12.), de faculdades a e b, em favor do vigário e coadjutor, de celebração de missas para as capelas (19.01.), dos Conselhos de fábrica (19.01.) da matriz e das capelas.

Termo 2: Preces públicas pela paz entre as nações, em 21.03.

Termo 3: Arquivamento dos números 26-29 do "jornal A Época" sobre a Pastoral Coletiva (sem data).

Termo 4: Instruções de D. Joaquim sobre Crismas (sem data).

Termo 5: Visita Pastoral de D. Joaquim, em 03.07.

Termo 6: Celebração da la. Eucaristia de 38 crianças, em 11.07.

Termo 7: Celebração da la. Eucaristia de 76 crianças na matriz, em 01.11.

Termo 8: Relatório da administração paroquial de 1915: famílias (1.100), batizados (329), comunhões (12.773), confissões (12.450), las. Comunhões (76), unções (52), encomendações (36), casamentos (58), pregações (347), membros da Ordem Terceira (31), Filhas de Maria (175), Apostolado da Oração (500).

Termo 9: Visita Pastoral de D. Joaquim à paróquia, em 28.06 a 03.07.1915.

(Continua)

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

83015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Frederico Kilian; vice-presidente — Urda Alice Klueger.

MEMBROS: Julio Zadrozny — Sra. Ilse Schmider — Martinho Bruning — Ernesto Stodieck Jr. — Ingo Wolfgang Hering — Aiga Barreto — Rolf Ehlke — Arthur Fouquet e Frank Graff.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA